



15/08/86 — André Douek

Bracher não irá a NY na próxima semana negociar dívida

Bracher pode pedir demissão esta semana

**BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO**

O presidente do Banco Central, Fernão Bracher, não vai mais a Nova York na próxima semana, contrariando informação prestada anteontem pelo ministro da Fazenda, Dilson Funaro. Bracher nem mesmo está certo se continuará no cargo na próxima semana, mas, caso não saia, irá à Europa, para manter contatos com banqueiros da França, Alemanha e Suíça.

Assessores do presidente do Banco Central informaram que Bracher está muito abatido com as críticas que vem sofrendo de vários setores do governo, principalmente do PMDB, e disseram que ele poderá demitir-se do cargo ainda esta semana. Ainda ontem, Bracher abriu fogo contra o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, que na semana passada sugeriu o tabelamento dos juros. "O tabelamento é muito bonito para colocar nos jornais, mas na prática resulta em fuga de capitais", disparou Bracher. E acrescentou que se os juros permanecerm altos o governo intervirá no mercado, sem dizer qual instrumento utilizará.

Formalmente, porém, Bracher continuou desmentindo ontem qualquer possibilidade de afastar-se do cargo no Banco Central. "Seria indelicadeza da minha parte colocar o meu cargo à disposição. Ele (o cargo) sempre está". Com essa resposta lacônica, o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, respondeu às especulações de que poderia se exonerar ou ser demitido, por exigência do PMDB. O senador José Richa, do Paraná, até sugeriu que Bracher fosse demitido imediatamente, quando em declarações à imprensa, na semana passada, em Nova York, admitiu a possibilidade do Brasil se socorrer no FMI. No dia seguinte, o próprio Bracher desmentiu a notícia dos jornais.

Fontes do Banco Central disseram que Bracher se desentendeu com a assessoria do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, e que, em consequência, não existe clima propício à sua permanência como presidente do Banco Central. Outros informantes dão conta de que Bracher se encontra desgastado junto ao presidente Sarney devido à demora para a solução dos bancos liquidados Comind, Auxiliar e Maironnave.